

LETRADOS EM A CIDADE DAS LETRAS

Joaquim Vieira de Campos Neto*

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Em sua infância, Jorge Luís Borges percebia o livro como um objeto mágico, tanto que as letras nas páginas dos livros não se misturavam durante a noite. Há livros que assustam pelo seu conteúdo. Alguns ocultistas colocam determinados livros de ponta-cabeça para neutralizá-los. Ainda que céticos, temos que admitir algo de mágico em certos livros. Ao invés de perder atualidade durante uma longa permanência na estante, suas letras como que se reorganizam sutilmente, criando novos sentidos e significados e, quando nos lembramos deles para o que pensávamos ser uma rápida consulta, encontramos debaixo da onipresente poeira das bibliotecas uma atualidade cintilante. Foi esta atualidade que encontramos em *A cidade das letras* de Angel Rama.

Uruguaio, crítico de literatura, Rama dominou todo o universo latino-americano. Durante os anos 60 percorreu o continente dando conferências e cursos em universidades e instituições de ensino superior. Orientou suas pesquisas e análises por uma perspectiva sociológica e histórica, à maneira de Lukács e de Benjamin. A crítica literária que se apresenta ora trivial, ora ininteligível, dois caminhos para sua extinção enquanto gênero literário, teve em Rama um crítico que amou os livros, a quem a poesia, o drama, o ensaio e as idéias propiciavam o verdadeiro prazer. Preocupou-se com a literatura de emancipação americana, com a “modernidade latino-americana” e sobretudo incentivou novos escritores. Falecido em 1983, Angel Rama tem *La ciudad letrada* como obra de sua maturidade, publicada postumamente.

A cidade das letras é dividida em seis capítulos, mostrando, cada um deles, uma etapa da evolução das cidades latino-americanas a partir da destruição da cidade de Tenochtitlan, em 1521, por Hernán Cortés, e sua remodelação levada a cabo pelos conquistadores espanhóis, até a inauguração de Brasília, considerada como “o mais fabuloso sonho de urbe de que foram capazes os americanos”. O autor não analisa,

* Arquiteto do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo e mestrando de História na PUC-SP.

consigo, preconcebidas, as idéias de cidade e de sociedade, uma espécie de “Leito de Procusto”, ao qual nada do existente poderia ser adaptado, tudo deveria ser destruído para que fosse construído o signo, que deixa de estar ligado ao significante pelos laços da semelhança e passa a significar dentro do próprio conhecimento, e dele tomar sua existência.

A idéia era transpor a forma de organização da sociedade (já idealizada) para a forma da cidade. Mais importante que a forma de tabuleiro de xadrez é o princípio que está atrás dela, que assegura um regime de transmissões do alto para baixo, da Espanha para a América, da cabeça do poder à constituição física da cidade, para que a distribuição do espaço urbano assegure e conserve a forma social. Mais ainda, a ordem deve ficar estabelecida antes que a cidade exista, para impedir toda futura desordem. Foi a Vontade que, ignorando deliberadamente a realidade, desenhou um projeto pensado para submetê-la.

Deveríamos ser capazes de ler a sociedade ao vermos a forma urbana. E, juntamente com esta “escritura urbana”, a palavra escrita iniciou sua carreira no continente. Exigia-se, para assegurar a posse do solo, um verdadeiro ritual: necessitava-se de um escrvão, um escrevente e até de um escritor para redigir uma escritura. Esta tinha a missão de *dar fê*, a fê só procedia da palavra escrita. A palavra escrita seria na América Latina a única válida, em oposição à palavra falada que pertencia ao ramo do inseguro e do precário. No centro de toda cidade, houve uma *cidade letrada*: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais.

Duas necessidades básicas justificavam a presença destes profissionais, as exigências da vasta administração colonial que se queria a mais minuciosa possível, duplicando controles (inutilmente) para evitar fraudes, e a necessidade de evangelização (transculturação) de milhões de indígenas, a serem enquadrados na aceitação dos valores europeus, ainda que neles não se acreditasse ou não os compreendesse.

As cidades, a letrada e a real, desenvolvem uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre, e a simbólica, que a ordena e interpreta. Só a *cidade letrada* é capaz de conceber como especulação a *cidade ideal*, projetá-la, conservá-la além de sua existência material, fazê-la sobreviver na luta contra as modificações que introduz o homem comum. A *cidade letrada* articulou sua relação com o poder, a quem serviu, mediante leis, regulamentos, proclamações, células reais, propaganda e mediante a ideologização destinada a sustentá-lo e justificá-lo, acima de tudo inspirou a distância em relação ao comum da sociedade. Foi a distância entre a letra rígida e a fluida palavra falada que fez da *cidade letrada* uma *cidade escriturária*, reservada a uma estrita minoria.

A *cidade escriturária* estava rodeada por dois anéis, lingüística e socialmente inimigos, aos quais pertencia a imensa maioria da população: o mais próximo e aquele com o qual compartilhava, em termos gerais, a mesma língua era o anel urbano, onde se distribuía a plebe formada por criolos, ibéricos, estrangeiros, libertos, mulatos, zambos (filhos de mulato e ameríndia) e mestiços em geral que não se identificavam nem com os negros nem com os índios. Rodeando o primeiro anel havia outro muito mais vasto. Iniciava ocupando os subúrbios e estendia-se pelos campos, fazendas, pequenas aldeias ou quilombos de negros insurretos. Este anel correspondia ao uso de línguas indígenas ou africanas e estabelecia o território inimigo.

A língua é companheira do Império, escreveu Nebrija em sua *Gramática sobre a língua castelhana*. Os letrados, ainda que formassem uma classe ambiciosa, foram a classe mais leal, cumprindo um serviço mais devoto à coroa que à Igreja. Leis, éditos, regulamentos e, sobretudo, constituições, antes dos vastos códigos ordenadores, foram a tarefa central da *cidade escriturária* a serviço dos caudilhos que se substituiriam no período pós-revolucionário.

A *cidade letrada* viu-se submetida a outra prova com a modernização iniciada em 1870. O questionamento deu-se pela ampliação do círculo letrado. A maneira de combater a cidade letrada e diminuir seus privilégios consistiu em reconhecer o império da letra, introduzindo nele novos grupos sociais. Esta é a origem das leis de educação comum que se estendem pela América Latina.

Três setores absorveram numerosos intelectuais, estabelecendo uma demanda constante de novos elementos: a educação, o jornalismo e a diplomacia. A letra apareceu como alavanca de ascensão social, da respeitabilidade pública e da incorporação aos centros do poder. A universidade continuava sendo a ponte pela qual se alcançava a cidade letrada, mas o letrado já não podia aspirar a dominar a orbe inteira das letras. Houve uma delimitação mais precisa de velhas e novas disciplinas: historiadores, sociólogos, economistas e também políticos e politicologistas, mas a política continuou sendo exercida por uma gama muito diversa de grupos e disciplinas.

Os literatos retiraram-se gradualmente da política, não para se recolherem às suas torres de marfim, mas para se dedicarem à sua disciplina. Embora a figura do literato político não tenha desaparecido, tivemos aqueles que alcançaram a presidência: Rómulo Gallegos, e outros que a aspiraram, por exemplo, Rui Barbosa e Mario Vargas Llosa. (Deveríamos agradecer ao povo peruano por tê-lo mantido como literato.)

Sobre a retirada dos literatos da política, manifestou-se Pedro Henrique Ureña: "Nada se ganhou com isto, muito pelo contrário", reforçando o mito de que são os letrados os que mais entendem de assuntos políticos e dos negócios públicos da sociedade, mito que, segundo o sociólogo C. Wright Mills, é o maior definidor do compor-

tamento intelectual latino-americano. A nova função que os literatos assumiram foi a *função ideologizante*, de influência francesa; seus adeptos abdicam da religião, vencida pela ciência, e assumem a condução espiritual, a “cura das almas”.

Os escritores que se incorporavam à *cidade das letras* dedicaram-se a dois gêneros literário-políticos principais, que exerceram mais nos jornais que nos livros, o propagandístico e o da filosofia política. Por carência de público, havia dois caminhos no *mercado da escritura*: o dos políticos, para os quais escreveram discursos, proclamas e leis, e o dos diretores de jornais que, como os políticos, freqüentemente os apagaram como personalidades eliminando seus nomes dos artigos.

A democracia, mesmo que incipiente, ampliou o círculo do poder abrindo espaço junto à aristocracia latifundiária a dois círculos, o dos comerciantes, industriais e especuladores, e o da equipe educada da administração.

A fórmula “educação popular + nacionalismo” pode-se traduzir por “democracia latino-americana”, mas a esfera nacionalista era mais acessível do que a sabedoria universal procurada pelos “ilustrados” da modernização, pois provinha simplesmente do nascimento e das tradições formadoras, sem uma orientação ideológica precisa, e justificava uma oposição a qualquer conhecimento moderno vindo de fora. Quanto à educação popular, sofreu uma perda de qualidade devido à sua brusca ampliação, transformando-se em divulgação ou espetáculo. Devido à deficiência da educação política da população, não houve a perfeição formal da democracia, e o sentimento majoritário trouxe consigo uma “ditadura da maioria”, que entorpeceu o desenvolvimento das instituições ao invés de assentá-las.

O papel desempenhado pelo partido político, com efetivos ampliados e uma base maior, será o de instrumento para a tomada do poder. Não se concebe outro meio para mudar a sociedade que não seja a tomada do poder. A partir de um partido no poder vai ser implantada a democracia!

O público começa a aparecer, primeiro nos teatros, onde não tinha que ler nem escrever, para assistir a peças de teatro ligeiro. Surgiu o folhetim nacional, e para o público culto ou semi-culto começaram a funcionar as editoras que seriam no século XX o principal reduto dos intelectuais independentes à margem do Estado .

Os intelectuais modificaram-se: incorporaram as doutrinas sociais, como o Anarquismo do qual surgiriam os Centros de Estudos Sociais e as primeiras Universidades Populares. Surgiu o “intelectual autodidata”, deixando de ser a universidade a via obrigatória do letrado, com a ressalva de que os intelectuais autodidatas se dedicaram a ser escritores, uma vez que a maioria das especialidades passou a ser regulamentada por conselhos, que exigiam a passagem pela universidade. Finalmente, os intelectuais escritores transformaram-se em profissionais relativamente independentes, devido ao

mercado literário. Não ganhavam o suficiente para viver da pena e tinham patrões nas empresas jornalísticas, mas gozavam de uma liberdade desconhecida nos poderes públicos.

A cidade das letras tem o mérito de abranger numa só visão toda a América Latina. Angel Rama soube achar o nosso denominador comum, e o nosso denominador comum são as cidades. A América Latina é um fenômeno urbano. Espanhóis e portugueses tinham em comum o sonho da cidade ideal concebida como especulação intelectual, representando o germe de cristalização da ordem, que a partir dele iria se espalhar.

Através dos capítulos, percorremos com Angel Rama as modificações que a cidade sofre a partir de sua criação como cidade ordenada: cidade letrada, cidade escriturária, cidade modernizada, a pólis que se politiza e a cidade revolucionada. O livro permite-nos várias leituras, mas o que nos chamou a atenção e no qual baseamos nossa análise foi a mudança da posição do integrante da cidade letrada, que migrou de uma total subserviência ao poder, num primeiro momento, até uma certa independência, em relação ao poder público e econômico, atalhando, no caso dos escritores, a universidade, vista como a via de entrada para a cidade letrada.

A subserviência dos intelectuais ao poder (qualquer poder) é característica latino-americana. Podemos vê-la ironizada por Oswald de Andrade em sua peça *O rei da vela*:

.... É preciso ser assim, meu amigo. Imagine se vocês que escrevem fossem independentes! Seria o dilúvio! A subversão total! O dinheiro só é útil nas mãos dos que não têm talento. Vocês escritores, artistas, precisam ser mantidos pela sociedade na mais dura e permanente miséria! Para servirem como bons lacaios, obedientes e prestimosos. É a vossa função social!